

Apresentação:

Este número da revista traz ensaios realizados por bolsistas e pesquisadores associados ao projeto Banco de Imagens, que possuem em comum uma reflexão sobre os deslocamentos e trajetos da população urbana em Porto Alegre, e sobre a inscrição de marcas identitárias em alguns espaços da paisagem urbana a partir deste movimento.

Olavo Ramalho Marques, então mestrando em Antropologia Social no PPGAS/UFRGS, apresenta em "Espaço e dinheiro na cidade: Reflexões a partir da etnografia da Avenida Luís Guaranha, Porto Alegre/RS", a importância do dinheiro, enquanto força social, nas formas de organização do espaço urbano a partir dos itinerários dos grupos urbanos em busca de moradia. Em especial, o autor refere-se aos moradores da Vila Luís Guaranha, pequena comunidade de pobre, em maioria negros, inserida em um território nas imediações do lendário "Areal da Baronesa", antigo reduto de ex-escravos da cidade. O autor trata da estrutura comunitária do grupo em tensão com as constantes remodelações da região da cidade onde estão inseridos, contemporaneamente transformada em área residencial de classes médias, e de construção de inúmeros estabelecimentos do poder público.

Em uma perspectiva oposta à lógica da moradia, Fernanda Rechenberg, em "Etnografia na rodoviária: fluxos e trajetórias sociais em um espaço cosmopolita" propõe uma incursão à rodoviária de Porto Alegre, pensando-a enquanto espaço de encontro cosmopolita. Interpretar um lugar, e não um grupo urbano como cosmopolita, leva a autora a refletir sobre o agenciamento das ações dos indivíduos com diferentes rotas e motivações de deslocamento, apropriando-se da noção de cosmopolitismo como um estado mental de abertura à cultura do Outro. Com o uso da fotografia e do registro sonoro de diálogos, a etnografia chama a atenção para a relação dos trabalhadores de lanchonetes, atendentes de guichês, passageiros, motoristas, taxistas, com os deslocamentos (físicos e subjetivos) das pessoas com quem encontram neste espaço.

Recorrendo igualmente ao uso da fotografia e do registro sonoro de diálogos em campo, Luciana de Mello em "Transformação e permanência do espaço, formas de ocupação e sociabilidades em um trecho da Rua 24 de Maio, Porto Alegre/RS" investiga um espaço de fluxo constante de indivíduos, a Escadaria 24 de maio. Espaço de passagem de pedestres e de moradia no centro de Porto Alegre, se cruzam na escadaria ethos diferenciados, entre a sociabilidade de vizinhança, a indiferença, o anonimato e a violência. Geógrafa, então bolsista de Iniciação Científica, Luciana propõe a questão: até que ponto a disposição estética da escadaria ainda provoca o encontro face a face, até que ponto um ethos de sociabilidade entre a vizinhança, presente em registros da memória oficial da cidade, permanece?

A partir de um outro ponto de vista Paula de Oliveira Biazus em "O Olhar Passageiro: Uma Experiência de Intervenção Urbana e Apropriação do Espaço Público", refere-se aos trajetos cotidianos dos moradores de Porto Alegre analisando a questão da produção e do consumo da imagem fotográfica dos espaços da cidade. Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), a autora reflete sobre uma experiência de produção cultural enquanto intervenção urbana no espaço da cidade através da fotografia pinhole, técnica diferenciada para obtenção de imagens com uso de uma lata como câmara escura. A experiência consistiu na divulgação do trabalho da autora e de mais quatro fotógrafos que utilizam essa técnica, o grupo Lata Mágica, com a inserção

de fotografias de locais significativos da memória da cidade nas janelas dos ônibus da cidade. Na continuidade desse trabalho, realizaram oficinas com moradores de diversas regiões da cidade para a construção de suas próprias "câmeras" com latas, e para a obtenção de fotografias segundo suas próprias escolhas de ângulo, tema, etc. Enquanto participante do grupo lata mágica, a autora realiza uma reflexão sobre o consumo da imagem fotográfica na cidade, e a transformação que o "olhar passageiro" provoca, ao inserir as imagens da paisagem edificada da cidade nos trajetos cotidianos de seus moradores, nas janelas dos ônibus.

Fluxos e trajetos cotidianos também se encontram em "O comércio religioso da flora Sete Flechas: Territorialidade que conforma o centro de Porto Alegre", de Fabiana Carla Ferracini, que traz uma abordagem original sobre a relação entre a lógica urbana e o comércio religioso. A autora, então estudante de comunicação social e bolsista voluntária do BIEV/UFRGS, realiza uma observação participante das relações de troca estabelecidas em uma loja de artigos afro-religiosos, na Praça Parobé, zona central de Porto Alegre. Ao realizar a pesquisa operando com o acervo de coleções em fotografia do BIEV sobre o centro da cidade e ao mesmo tempo se inserindo como "fotógrafa" do grupo pesquisado, a autora situa a circulação de dinheiro, de dádivas, prestações e contra-prestações que ocorrem na loja numa lógica simbólica da "encruzilhada", imagem importante para a região afro-brasileira, ao pensar a presença da loja em meio a um território plural e diverso onde a memória negra está inserida, as imediações do mercado público de Porto Alegre e a Praça Parobé (terminal de ônibus), o seu entorno repleto de pequenos comércios, camelôs e inúmeras lojas "de religião".

Rafael Devos